



# TEXTO DIGITAL

*Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes*

## Editorial?

**Rodrigo de Sales<sup>a</sup>**

<sup>a</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil - [rodrigo.sales.s@gmail.com](mailto:rodrigo.sales.s@gmail.com)

Isso ‘pode’ ser e ‘pode não’ ser um editorial. Nos interessa, de especial maneira, a potência libertadora da possibilidade, como nos interessa também a potência agregadora e controversia da conjunção ‘e’. Como poderíamos aderir à tradição dos editoriais, antecipando ao leitor os temas dos artigos e suas sequencialidades, sem assim ferir um dos traços mais caros do rizoma de Deleuze e Guattari – a imprevisibilidade?! Aliás, como o essencialismo pouco nos chama a atenção, reformularemos: Isso pode funcionar e pode não funcionar como um editorial. Como as coisas ‘podem funcionar’ nos interessa mais do que como as coisas ‘podem ser’.

Não aderir à sedimentada tradição da (pré)enunciação dos textos não significa, em hipótese alguma, negar tal tradição, assim como escapar, mesmo que provisoriamente, da lógica da sequencialidade não significa negar a confortável eficiência da mesma. A propósito, de negacionismos, o mundo está fartamente ameaçado!

Trata-se, sim, de fuga, mas fuga que cria, fuga que abre, que gradativamente rompe, mas rompe pelo transbordamento, não pela negação. Se descolar da formatação predita ou do funcionamento dado de antemão nos parece saudável. Nos dá fôlego! Nos dá a sensação de movimento que não se encerra na eficiência dos resultados, aliás, que não se encerra com nada e nunca. Nos permite experienciar e acolher a intempestividade da atualidade nietzschiana e da contemporaneidade agambeniana. Não que isto seja necessário.



A tentativa intempestiva da abordagem rizomática não se faz, a nosso ver, pela desconstrução pura e simples, mas antes pelo desejo de ser mais real e menos ideal, uma vez que o ideal parece nos violentar incessantemente. Não dar consentimento a este ideal que nos violenta dificilmente é possível sem a violência do rompimento. Mas rompimento por fendas, fissuras, pequenos escapes que perturbam ao coexistir com a solidificada estrutura do ideal.

Nada disso é sugerido por Deleuze e Guattari sem uma boa dose de cautela e sem uma boa porção de responsabilidade. Afinal, já foi dito pelos dois: há a estratificação, assim como há a desestratificação e a reestratificação. Existem linhas que seguem o curso previsto, assim como existem as que escapam exageradamente e as que equilibram o rompimento. A velocidade e a intensidade desta linha que equilibra e intermedia o rompimento acolhem tanto o exagero do escape que desterritorializa quanto a anuência do fluxo que territorializa.

Se os leitores de Deleuze e Guattari, que por ora são os escritores dos textos desta edição, ensaiam conexões entre objetos, ecologias, artes, Bergson, leituras, políticas, Foucault, Kopenawa, dispersões, virtualidades, literaturas, Descartes, ciência de dados, xamanismo, *fitbites*, medos, Certeau, minotauros, percepções, Frohmann, Covid-19, documento, web e o passeio até a casa da avó, o fazem com a responsabilidade de criar as peças e os tabuleiros dos jogos, estejam eles sendo jogados num platô de imanência ou num platô de referência. Assim, filosofia, ciência e mundo fabricam suas compreensões, ‘experimentando’ a potência do ‘e’. A potência do acontecimento e da diferença.

Como tais conexões, acoplamentos e agenciamentos podem contribuir para o leitor? Não há como saber. Que venham os devires!

**Nota dos editores:** A capa desta edição é de autoria de Chico Marinho, o qual agradecemos pela disponibilidade e generosidade em confeccioná-la. Francisco Carlos de Carvalho Marinho possui graduação em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal de Minas Gerais (1983), mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais (1997) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2004). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Multimídia, atuando principalmente nos seguintes temas: cinema de animação, arte computacional, instalações interativas imersivas, multimídia, inteligência artificial e ilustração digital. É líder do grupo de pesquisa *ImagináriO: poéticas computacionais*. Professor aposentado associado. Pós-graduando em neurociências pela Faculdade Febracis. *Maker* e inventor de inutilidades.